

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

IAGO TAVARES DOS SANTOS

OS DEUSES PRIMITIVOS GRECO-ROMANOS E AS DIVINDADES CARUANAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, da
Universidade do Estado do Amazonas, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras.

IAGO TAVARES DOS SANTOS

OS DEUSES PRIMITIVOS GRECO-ROMANOS E AS DIVINDADES CARUANAS

Aprovada em __/__/2025

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste
Orientador

Professora Mestre Dilce Pio Nascimento
Banca Interna

Professor Doutor Diego Omar da Silveira
Banca Externa

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S237d

Santos, Iago Tavares dos

Os deuses primitivos greco-romanos e as divindades caruanas /

Iago Tavares dos Santos. Manaus : [s.n], 2025.

21 f. : ; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Orientador: Weberson Fernandes Grizoste.

1. encantaria. 2. intertextualidade. 3. pajelança. 4. mitologia. 5. Amazônia. I. Weberson Fernandes Grizoste (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

AGRADECIMENTOS

Dividirei este agradecimento em duas partes, uma espiritual e uma do mundo físico.

Da parte espiritual eu agradeço primeiramente a Deus, em seguida agradeço ao Caboclo Flecheiro, Dona Sereia, Dona Janaína (uma linda sereia loura, não confundir com Iemanjá), aos Botos, a seu Zé Raimundo Boji Buá e a Maria Navalha por sempre me apoiarem e me auxiliarem nessa caminhada. Sem eles eu não teria chegado tão longe.

Da parte do mundo físico agradeço à minha mãe que sempre me apoiou mesmo estando distante, agradeço à minha amiga dona Nita cuja ajuda foi fundamental para a minha trajetória acadêmica e à minha parceira de todas as horas Enedina que me acompanha desde que cheguei nessa ilha. Concluo agradecendo ao meu orientador Professor Dr. Grizoste que compartilha comigo o gosto pelas obras dos romanos, especialmente o *Asno de Ouro*.

DEDICATÓRIA

Dedico esse TCC à minha mãe e aos meus avós. Leopoldo, vovó Teca e vovô Geraldo. Ainda que meu contato com meus avós tenha sido pouco, as coisas que herdei deles me fizeram quem eu sou hoje.

RESUMO

O seguinte artigo possui caráter bibliográfico e tem como objetivo analisar as semelhanças entre os caruanas -espíritos encantados da pajelança- e os deuses aquáticos greco-romanos através da obra de Zeneida Lima, Teogonia de Hesíodo e As Metamorfoses de Ovídio, sendo destacadas as passagens acerca das deidades aquáticas nas obras greco-romanas e os capítulos “O Mundo das Águas”, “No Princípio Eram as Águas” e “Castigo da Perdição” da obra de Zeneida usando como fundamentação os trabalhos de Câmara Cascudo, Mircea Eliade e Carl Jung para determinar as intertextualidades, semelhanças e diferenças entre os simbolismos, arquétipos e estrutura narrativa entre os mitos indígenas e caboclos e os mitos greco-romanos, incluindo mitos da região ibérica que ainda possui muita influência romana.

Palavras-chave: encantaria, intertextualidade, pajelança, mitologia, Amazônia.

ABSTRACT

The following article is of a bibliographic nature. It aims to analyze the similarities between the caruanas—enchanted spirits of the pajelança tradition—and the Greco-Roman aquatic gods, drawing on the works of Zeneida Lima, Hesiod's Theogony, and Ovid's Metamorphoses. It highlights passages concerning aquatic deities in Greco-Roman works, as well as the chapters “The World of Waters,” “In the Beginning There Was Water,” and “Punishment of Perdition” in Zeneida's work, using the studies of Câmara Cascudo, Mircea Eliade, and Carl Jung as a foundation to determine the intertextualities, similarities, and differences between the symbolism, archetypes, and narrative structures of indigenous and caboclo myths and the Greco-Roman myths, including myths from the Iberian region, which still retains significant Roman influence.

Keywords: Enchantment, intertextuality, shamanism, mythology, Amazon.

INTRODUÇÃO

As águas ao redor do planeta serviram de sustento, admiração e adoração para diferentes povos ao redor do mundo, seja nos oceanos ou em rios e lagos, toda civilização que prosperou à margem de corpos d'água construiu um rico imaginário ao redor desses ambientes, geralmente associados a divindades relacionadas aos próprios corpos d'água ou ao clima, como deuses das nuvens e da chuva. Este trabalho abordará as relações entre duas classes de divindades aquáticas: os caruanas, seres que vivem no limiar entre o mundo físico e o espiritual, constantemente confundidos e reduzidos a meros personagens do folclore brasileiro e que foram cuidadosamente retratados pela pajé Zeneida Lima, e as muitas deidades aquáticas greco-romanas como ninfas, potamoi e outros antigos deuses marinhos retratados por Hesíodo e Ovídio, além de alguns seres encantados portugueses que nascem da herança romana da Península Ibérica.

O primeiro tópico aborda as relações entre diferentes mitos ao redor do mundo, enfatizando o simbolismo aquático, mitos cosmogônicos e a repetição de arquétipos entre diferentes culturas e mitologias, ligando os contos ocidentais aos mitos amazônicos contados pelos caboclos e indígenas ribeirinhos por meio dos trabalhos de Jung e Eliade, que se aprofundaram nos estudos dos mitos por meio da análise dos arquétipos e teogonias ocidentais. Os mitos amazônicos seguiriam uma estrutura e apresentariam simbolismos semelhantes a aqueles presentes nos mitos greco-romanos, seja por influência direta causada pelo contato entre os mitos indígenas e ocidentais devido à colonização e aculturação dos povos indígenas ou por meio do inconsciente coletivo.

O segundo tópico aborda as semelhanças entre os arquétipos presentes nos mitos greco-romanos e as histórias dos caruanas narradas por Zeneida Lima, também reflete sobre a possível origem e inspiração ocidentais entre os mitos dos caruanas e outros seres encantados da Amazônia, destacando passagens da obra de Zeneida que focam nas histórias destes seres da pajelança, detalhando suas origens, encantamentos e características e comparando com mitos greco-romanos, que possuem certos elementos narrativos e arquetípicos semelhantes a aqueles que foram narrados por Zeneida, levantando a questão de que o que nós julgamos nativo na verdade teria uma origem na cultura do colonizador, ou então seria um arquétipo nativo vestido da imagética do colonizador.

O terceiro tópico trata do imaginário do caboclo amazônida e as influências nativas e ocidentais que o formaram, destacando a história do bioma amazônico e a relação do projeto colonial brasileiro com a floresta, também trata da relação que os povos da Amazônia têm com as águas, sua sacralidade, significado e simbolismos, trazendo também uma reflexão acerca da história da colonização no bioma, sendo a Amazônia o bioma que ainda é pouco ocupado pela urbanização, possuindo um grande número de comunidades estabelecidas às margens dos rios e com populações em constante contato com a natureza. Este tópico também aborda a forma com que os amazônidas interpretam e vivem os mitos, pois os seres que para o restante do Brasil não passam de folclore, para os ribeirinhos estão vivos e residem no fundo das águas, de forma que é possível perceber que a encantaria das águas é também uma experiência religiosa para os povos da Amazônia.

ASPECTOS E ARQUÉTIPOS DO MITO EM CARL JUNG E MIRCEA ELIADE

As relações e semelhanças entre diferentes mitos ao redor do mundo já foram apontadas por Jung e Eliade. Enquanto Jung focou nos arquétipos de cada “personagem” mitológico, Eliade possui uma abordagem mais voltada para a estrutura dos mitos e lendas, especialmente os mitos cosmogônicos e escatológicos.

Geralmente mitos tão distantes apresentam estrutura ou temas parecidos devido à existência de muitas questões e problemas universais para a humanidade. Histórias de conflitos entre pais e filhos, mitos sobre cataclismos e renovação, etc.

Um aspecto comum entre as sociedades amazônidas, greco-romanas e portuguesas é a relação íntima com a água, seja nos rios no caso da Amazônia, ou no mar no caso dos gregos, romanos e portugueses que por meio do oceano construíram seu império colonial nas Américas. Segundo Jung (1959 p.37), o contato de diferentes povos com a água se dá em nível físico e psicológico:

[40] A água é o símbolo mais comum do inconsciente. O lago no vale é o inconsciente que, de certo modo, fica abaixo da consciência, razão pela qual muitas vezes é chamado de “subconsciente”, não raro com uma conotação pejorativa de uma consciência inferior. A água é o “espírito do vale”, o dragão aquático do Tao, cuja natureza se assemelha à água – um yang incluído no yin. Psicologicamente a água significa o espírito que se tornou inconsciente.

Ninfas aquáticas, peixes que se transformam em humano, grandes serpentes encantadas que na verdade são belas moças e sereias assassinas, são todos seres ou espíritos presentes em todas as culturas que possuem algum contato forte com a água, seja sob o nome de sereia, de Iara, de Rusalka, de Moura Encantada, de Mélusine, de Boto Branco, Boto Pintado, Cobra Grande, Boiúna, etc. são todos seres híbridos, meio humano meio animal/elemental que estão sob algum encanto, que possuem uma forma monstruosa de animal e uma forma humana linda e sedutora, são um arquétipo comum ao redor do mundo. De acordo com Jung (1959, p.44), este arquétipo se chama anima e geralmente é feminino:

[53] A sereia é um estágio ainda mais instintivo de um ser mágico feminino, que designamos pelo nome de anima. Também podem ser ondinas, melusinas [30], ninfas do bosque, graças ou filhas do rei dos Elfos, lâmias e súcubus que atordoam os jovens, sugando-lhes a vida. Essas figuras seriam projeções de estados emocionais nostálgicos e de fantasias condenáveis, dirá o crítico moralista. Impossível não admitir que esta constatação é de certa forma verdadeira. Mas será esta toda a verdade? Será a sereia apenas um produto de um afrouxamento moral? Não existiram tais seres em épocas remotas, em que a consciência humana nascente ainda se encontrava por inteiro ligada à natureza? Seguramente devem ter existido primeiro os espíritos na floresta, no campo, nos cursos de água, muito antes dos questionamentos da consciência moral. Além disso, esses seres eram tão temidos como sedutores, de modo que seus estranhos encantos eróticos não passavam de características parciais. [...]

A conexão entre o homem e a natureza é um dos temas centrais da obra de Zeneida Lima, pois a natureza preservada é vital para o culto a estes seres e como mostrado no episódio dos homens de pele azul, a violação das suas casas gera raiva e retaliação por partes dos espíritos, que mostram uma face muito violenta contra quem os desrespeita.

Em certas narrativas orais sobre os encantados, tais seres usam do sonho para se comunicar com os mortais, seja para alertar alguém próximo destes seres de algum evento ou para clamar pelo seu desencanto. A teogonia narrada por dona Zeneida (2002, p222-229) é predominantemente aquática, nela o mundo surgiu da desobediência de Auí, que ao ser tragado por um redemoinho acabou libertando as forças terríveis do caos chamado Anhangá e transformou o antigo paraíso das águas s no mundo que conhecemos hoje, sempre dividido do mundo espiritual e sempre a mercê das forças do mal. Sobre a memória do paraíso perdido, Eliade (1949, p.88) afirma que:

Tudo o que sabemos sobre a memória mítica do "paraíso" nos confronta, pelo contrário, com a imagem de uma humanidade ideal, desfrutando de uma beatitude e plenitude espiritual jamais realizável na presente condição do "homem caído"

A teogonia de Zeneida segue o caminho contrário a aquelas narradas por Hesíodo e Ovídio, em que antes havia monstros e titãs cruéis que foram derrotados pelos deuses. Na gênese da pajelança o mundo começou em ordem e o lugar que habitamos agora vem da influência maligna de Anhangá. A desobediência de Auí lhe custou seu corpo, que foi despedaçado. O sacrifício que leva à origem do mundo é um elemento narrativo que já foi apontado por Eliade (1949, p.25), segundo o qual, “na verdade, em certas cosmogonias arcaicas, o mundo recebeu existência por meio do sacrifício de um monstro primordial, simbolizando o caos (Tiamat), ou através do sacrifício de um gigante cósmico (Ymir, Pan-Ku, Purusa)”. Embora a Teogonia não mencione que a deusa Gaia foi despedaçada para formar a terra em que pisamos, a existência dos seres que nela habitam só foi possível após a castração de Urano.

OS MITOS AQUÁTICOS GRECO-ROMANOS E OS ENCANTADOS CARUANAS

A cultura greco-romana está repleta de seres e deidades aquáticas. Além de figuras como Poseidon, poetas como Ovídio e Hesíodo nos apresentaram Glauco, Tritão, Tétis, uma infinidade de ninfas aquáticas como as Oceânides, Nereidas e Náíades. Algumas dessas deidades são mais famosas que outras, como Tétis, uma ninfa e deusa primordial do mar e a mãe de Aquiles; Aqueloo, deus do rio vencido por Hércules e cujo chifre arrancado originou a cornucópia e Nereu, o velho do mar, capaz de se transformar em uma infinidade de animais.

Cascudo (1947), no capítulo “Ipupiara, Botos e Mães-d’Água”, correlaciona as deidades aquáticas greco-romanas como ninfas e potamoi com as cobras grandes populares na Amazônia (e noutras partes da América do Sul) e com a Mãe-d’Água, essa espécie de sereia brasileira que em nada se parece com as sereias gregas, presentes na “Odisseia” de Homero. A ênfase em deidades aquáticas se dá pela relação das sociedades greco-romana e portuguesa com o mar, e das sociedades amazônidas com os rios, o ciclo das enchentes e com o mar em algumas regiões. Possuindo seu próprio mito cosmogônico, sua própria teogonia, os Caruanas são os habitantes do antigo Éden aquático, agora inacessível aos humanos, repetindo as histórias sobre paraísos perdidos após um ato de desobediência.

Da prole de Gaia com Ponto e Oceano nasceu uma infinidade de deuses aquáticos, homens e mulheres retratados como híbridos, de humano e peixe, que milênios depois serviriam de inspiração para o mito das sereias. Segundo Cascudo (1947, p.133), “As Sereias constituíam um patrimônio comum aos povos navegadores. Estão em todas as literaturas do Mundo.”

As semelhanças entre as histórias de iaras e botos encantados com os mitos greco-romanos já foi apontada por Cascudo (1947, p.143), que relaciona o mito do boto com o simbolismo dos golfinhos do mar:

[...]O Boto é o conquistador feliz de milhares de moças, o progenitor natural de várias centenas de piás. Esse delfim levanta, nas lonjuras do riomar, o renome clássico de sua estirpe. O delfim é um símbolo lúbrico. Desde a antiguidade clássica ele é dedicado a Vênus e aparece, roncando de cio, junto à deusa resplendente. Vênus, deusa marinha, tem suas mais populares evocações indicando a predileção por sua origem. Afrodite (afros, espuma) ou Anadiomena (nascida das vagas) dizem a gênese do culto. O golfinho está em quase todas as representações do nascimento de Vênus. No Museu de Nápoles, em sua seção reservada, há uma longa série de objetos desenhados onde a páfia deusa aparece seguida pelo delfim. A literatura epigramática da Grécia, em seu período de decadência, possui poemas curiosos sobre a luxúria do delfim. Apaixonava-se pelos rapazes bonitos, vício perfeitamente normal numa terra onde Ganimedes era do Olimpo. Apião conta que um delfim morreu de saudades por ter falecido um menino por quem se tomara de amores[...]

O boto aparece na obra de Zeneida Lima tanto como entidade que trabalha para curar através dos pajés quanto como o ser sedutor que leva as moças para o fundo do rio. Zeneida (2002, p. 359) nos conta a lenda de Manha-Núngara, que possui um caráter explicitamente sexual sobre uma moça que é encantada pelo Boto Branco. A lenda de Manha-Núngara possui a estrutura parecidíssima com a lenda da iara, e possui um rumo diferente das histórias mais comuns sobre botos sedutores. Desta vez, a moça vai ao encontro do encantado sem a necessidade de este tomar forma humana, e nenhuma festa é citada na história.

Embora não seja claro o meio pelo qual os botos seduzem os mortais, é mencionado um odor peculiar, uma espécie de “pitiú” que a moça sente como o melhor dos perfumes, além de uma espécie de gosma que o cetáceo encantado deposita sobre as vítimas de seus feitiços, sendo comuns casos em que a mulher ou homem entra em uma espécie de paralisia do sono apenas para despertar sem forças e coberto desse fluido com odor de peixe. Para Cascudo (1947, p.143) o aspecto sexual dos botos foi diretamente influenciado pelo simbolismo grego do golfinho:

O delfim era dado como um dos fetiches ictiofálicos. A conformação de sua cabeça lembrou aos gregos a glândula humana. Seu nado embicado, corcoveando, subindo e descendo à flor d'água, dava a imagem dos movimentos sexuais, máxime atentando-se para a posição e forma de sua cabeçorra assimétrica e hispida, furando a onda que se espadana ao contato do seu focinho obscuro.

Como um olimpiano que se metamorfoseia inúmeras vezes para seduzir as mortais incautas, [...] “O peixe vira gente, seduz, atrai para o fundo do rio. Mas não há o canto. O canto, privativo da Mãe-d'Água, é inexistente para o Boto.” Muito mais que um fruto do inconsciente coletivo, as histórias dos encantados amazônicos parecem possuir influência direta de crenças e contos clássicos greco-romanos, ainda que hoje pareçam ser tão nativos do Brasil.

Os Caruanas, companheiros do fundo ou encantados, são entidades espirituais presentes na cultura da pajelança amazônica que se apresentam como seres que possuem diferentes formas de humano e de animal, incorporando nos pajés para curar e ajudar a comunidade. A obra de Zeneida Lima descreve muitos aspectos sobre estes seres, apresentando inclusive uma teogonia marajoara, detalhando a origem do mundo de acordo com a crença dos pajés. Informações sobre os Caruanas além da obra de Zeneida são escassas, e muitos dos seus mitos estão restritos à tradição oral e aos segredos dos pajés. No entanto, a própria Zeneida disse que nos mostrou e narrou aquilo que lhe foi permitido.

Dona Zeneida (2002, p. 222-229) narra o mito de criação segundo a pajelança em que antes não existia separação entre o mundo físico e espiritual, todos eram seres com membros palmiformes e barbatanas sobre o dorso, mas o pecado de Auí libertou Anhangá e criou a separação entre o mundo físico e o espiritual, dando origem aos encantados conhecidos como Caruanas. Ao longo da obra somos apresentados aos caruanas Gavião, Jacaré, Boto Branco, Boto Pintado, Beija-flor, Norato Antônio, Raimundo Pavão entre outros. Todos, seres espirituais que possuem dom de metamorfose e profecia, assim como deidades greco-romanas como os Potamoi, ninfas e deuses do mar. Assim como as deidades clássicas, os Caruanas também podem ser oriundos de água doce ou salgada.

Cada Pajé possui sua corrente de espíritos encantados com que vai trabalhar, cada um com sua história e características próprias. Eles “vivem” em cidades encantadas no fundo do oceano e sobem até a superfície para incorporar nos pajés e exercerem o trabalho de cura. No entanto, em raras ocasiões os caruanas apresentam uma face distorcida e maldosa alterada pela energia caótica de Anhangá. Os caruanas são uma parte importante

da vida para as pessoas que acreditam neles, não é como na fé cristã em que se ora a um deus que pode ou não lhe responder. Na pajelança, os encantados cantam, falam e interagem com as pessoas apresentando soluções para seus problemas e até revelando o futuro para os fiéis. Assim, a resposta dos Caruanas a um problema na vida dos seus protegidos é imediata.

É dito que os encantados podem levar as pessoas para um reino submerso cheio de tesouros e castelos subaquáticos, no entanto, não há menção a esses elementos na obra de Zeneida. É mencionado que tais seres podem encantar as pessoas e o livro narra o momento em que a própria autora entra em contato com os caruanas que tentam raptá-la. Sobre esta passagem, Zeneida (2002, p. 136) narra um elemento interessante:

[...]Eles carregavam longos canudos em forma de cigarros e cachos de um fruto de bagas amarelas. Por gestos, ofereceram-me as frutas. Eu consegui balançar a cabeça negativamente. Sem outra razão passaram a me agredir. Meu corpo ardia com o castigo.[...]

Uma relação entre os alimentos e a abdução para outro mundo em narrativas amazônicas já foi abordada brevemente por Cascudo (1947, p.146), “Entre os muitos detalhes curiosos está o de não tomar alimento na terra encantada. Prosérpina, raptada por Plutão, só ficou no Inferno porque comera sete bagos de romã. [...]”.

O encantamento pode ser voluntário ou coagido como no caso de Manha-Núngara, ou pode ser forçado, como no caso de Raimundo Pavão, um encantado que outrora foi humano. Antes de ser Caruana, Raimundo Pavão era um pescador, assim como Glauco também o era antes de ser tornar o deus do mar. Em sua obra, Zeneida (2002, p.84) conta brevemente sua história:

Um dia, nas proximidades de Cajuúna, avistou um pavão sobrevoando sua pequena embarcação. Imaginando que a ave estivesse desgarrada, sem local de pouso, torceu pra que ela descesse em seu bote. Mas a ave voltou e se afastou indo pousar em um areal que aflorara das águas, surgido do nada. [...] Remou firme para lá e diante de seus olhos, tudo desapareceu. A partir de então, Raimundo encantou-se assumindo as características de seu último estágio, ou seja, a de um pavão [...]

Raimundo Pavão e Glauco compartilham também a característica de serem protetores dos corpos de água que habitam e possuem o dom da Profecia, que é um elemento constante na obra de Zeneida.

Diferentemente de Glauco, que nutria afeição pelos deuses do mar e se uniu a eles com a permissão divina, existem encantados que buscam se libertar da sua condição como seres que vivem na interseção entre vida e morte.

Sobre as grandes serpentes encantadas que assombram os rios, poços e lagos da Amazônia, há uma certa divergência entre o que é descrito por Cascudo e a história contada por Zeneida. Assim como existem certas semelhanças, por exemplo, as personagens principais de suas histórias compartilhando um de seus nomes: a serpente que Zeneida (2002, p.85) nos apresenta se chama Norato Antônio, enquanto Cascudo (1947, p.142) analisa a famosa lenda da Cobra-Norato: “Mas o ciclo da Boiuna é vasto e perigoso. Também os portugueses tinham suas Mouras com o corpo de cobra. Em certos dias, abandonando a pele, a linda moça canta, suplicando que algum Siegfried fira a serpente. Não será a nossa Cobra-Norato uma réplica?”

A comparação com a Moura Encantada portuguesa se dá não apenas pela forma de serpente, às vezes, tomada por tais seres, mas também pela condição compartilhada entre as Mouras e Cobra-Norato, a condição de prisioneiros do encanto.

A principal divergência entre as duas histórias se dá na forma que o encantamento é retratado, pois enquanto Cobra-Norato procura os humanos constantemente em busca de se libertar do encantamento, Norato Antônio não lamenta sua condição, embora ambas as serpentes se transformem em homem para festejar com os mortais em noites de lua cheia, característica essa que compartilham com os botos encantados.

Seguindo a narrativa de Zeneida Lima (2002, p.86), a divergência entre as histórias atinge seu ápice quando Norato Antônio e seus companheiros encantam a cidade e todos os seus habitantes, tomando o caminho oposto ao de Cobra-Norato, que finalmente é tirado da sua prisão sem grades por um homem corajoso.

São escassas as análises acerca da obra de Zeneida Lima, apesar dos seres encantados, sobre os quais ela escreveu, serem relativamente conhecidos. Câmara Cascudo, em sua *Geografia dos Mitos Brasileiros*, detalha os aspectos socioculturais que construíram o imaginário caboclo e em seus capítulos sobre o Amazonas e o Pará, e mais, ressalta a influência do colonizador sobre os mitos locais. A obra de Cascudo considera os encantados apenas como personagens dos mitos e em seu capítulo “Ipupiara, Botos e Mães-d’água”, Cascudo pouco considera a religiosidade por trás das suas histórias, diminuindo as histórias caboclas a um patamar inferior às histórias europeias.

O livro de Zeneida, pelo contrário, se mostra extremamente pessoal e religioso. Os caruanas, seres que podem ser aves, insetos, serpentes, peixes e botos, são tratados

como seres reais, concretos que a ajudaram a sobreviver a uma vida dura e muitas vezes injusta, e prestando serviços de cura e aconselhamento para a sua comunidade.

AS NARRATIVAS OCIDENTAIS E O IMAGINÁRIO AMAZÔNIDA

Sendo o bioma menos povoado do Brasil, a Amazônia é para o restante do país um sinônimo de mistério e exotismo, sendo quase impossível falar em Amazônia sem mencionar a natureza exuberante que lembra os visitantes da sua insignificância perante o maior rio do mundo, e sem lembrar de algum conto fantástico sobre serpentes que reinam em castelos repletos de tesouro no fundo do rio, cetáceos que se metamorfoseiam em humanos em concebem crianças híbridas e sereias de longos cabelos e doce voz que deixa os homens loucos ao ponto de apenas um pajé curar o infeliz de sua insanidade.

O imaginário caboclo na Amazônia é um reflexo da história do bioma e do seu peculiar isolamento geográfico e sociocultural, sendo a região Norte a maior do Brasil, porém fracamente povoada, as cidades e comunidades na Amazônia se encontram extremamente distantes umas das outras, com o meio de transporte principal ocorrendo através dos rios devido à geografia do bioma. Tais condições criaram um desafio para o projeto colonial brasileiro, cujas sucessivas tentativas de ocupação resultaram em mais prejuízos do que lucros, desde o ciclo da borracha, que após uma era de opulência acabou sucumbindo após o roubo de sementes de seringueira pelo britânico Henry Wickham resultando no esgotamento do ciclo até a tentativa de implantação da BR-230 ou Rodovia Transamazônica cuja construção teve início no governo de Emílio Médici e deveria ser o símbolo da força militar domando a natureza, apenas para ser mais uma das tentativas fracassadas de demonstração da eficácia da ditadura com a rodovia seguindo inacabada até os dias de hoje.

Apesar das falhas tentativas de conquista do bioma e da relação destrutiva que o governo possui atualmente com a Amazônia permitindo a exploração dos recursos naturais ignorando os apelos das populações tradicionais, o passado de migrações e de um quase isolamento gerou uma mescla de culturas e imaginários, sendo o misticismo caboclo a prole de crenças indígenas, africanas e portuguesas. Seres como Ipupiara e Caboclo-d'água, ora referidos como o mesmo ser, se tornaram um só na Amazônia, sendo o Caboclo-d'água um antigo espírito aquático do rio São Francisco e o Ipupiara um monstro marinho capaz de se levantar em sua cauda como se tivesse pernas. O Caboclo-d'água possui uma estátua em sua honra que mostra um ser humanoide com membranas nos pés e mãos além de barbatanas na cabeça e costas, enquanto o Ipupiara foi descrito

por Gândavo (1576) como possuindo “quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas cerdas mui grandes como bigodes.” Tais seres com origens distantes – um no sertão e outro no oceano – chegaram até a Amazônia por meio das migrações nordestinas que buscavam os tesouros infinitos prometidos pelo projeto colonial que vendia a Amazônia como um Eldorado brasileiro, mesclando-se e sofrendo metamorfoses a ponto de serem relacionados com as lindas sereias e mães-d’água.

O Ipujiara é o ser encantado ou monstro com um dos registros mais antigos em terras brasileiras com todos os aspectos a seu respeito sendo narrados por um português, e assim como a grande maioria dos mitos indígenas e africanos acabou por ser coletada e registrada por um estrangeiro. Muito antes dos primeiros estudiosos se debruçarem sobre as narrativas indígenas, eram os jesuítas que tinham um maior contato com essas narrativas, muitas vezes reinterpretando-as, modificando certos aspectos conforme os interesses e ideais cristãos. Tal influência se revela ainda nos dias de hoje com a crença de que os encantados são ora devotos da Virgem Maria, ora possuem medo da imagética cristã, ou então esperam datas cristãs como a quaresma ou demais dias santos para se revelar para os mortais no mundo físico. Até hoje na Amazônia se usa alho para repelir os botos à moda de vampiros. Uma diversidade espiritual cheia de sincretismo e contradições habita cidades magníficas repletas de tesouro no fundo das águas assim como os palácios das Mouras Encantadas que são guardados por cuélebres, serpentes aladas semelhantes a dragões. De acordo com Cascudo, (1947, p.48) os mitos caboclos e indígenas vestiram o encanto português tornando-se assim aquilo que conhecemos hoje:

“E foi, insensivelmente, aformoseando, enfeitando, com o prestígio de tantos séculos de beleza milagrosa dos mitos. Assim o mboi-tatá disforme e matador virou o lume azulado dos Sant’Elmos, a boiuna esfomeada e repelente tornou-se senhora de palácios fluviais, e o ipujiara informe e bruto vestiu a cabeleira loira de Loreley, teve pele resplandecente e, do fundo dos rios, onde vive para devorar cadáveres, ergueu a magia irresistível duma voz miraculosamente suave.”

O Ipujiara monstruoso, que se diz ter sido apenas um leão-marinho e era descrito mais como um animal fantástico do que uma entidade sobrenatural, vestiu a cabeleira de Loreley e se tornou sereia hoje é considerado entre os caiçaras, descendentes dos povos indígenas do litoral da Paraíba e de Pernambuco como um *karuara*, cujo parentesco com os caruanas de Zeneida não se dá apenas na semelhança entre os nomes. É dito que os caruanas são encantados da água doce e os caruaras são encantados da água salgada, mas mesmo sob essa denominação o Ipujiara ainda é temido e seu aspecto bestial não foi esquecido pelos caiçaras.

Outrora popular no Amazonas e no Pará, o culto aos encantados das águas foi lentamente substituído por ritos de matriz africana, especialmente após a ditadura militar com o esforço do governo de apagar tudo aquilo relativo às culturas indígenas, juntamente com a popularização da umbanda como “magia branca”, uma espécie de bruxaria socialmente aceita e desligada das demais religiões de origem africana como o candomblé e tambor de mina, que são alvo de críticas até hoje por reproduzir estereótipos nocivos aos povos indígenas e por cultuar encantados pertencentes à nobreza de Portugal como rei Sebastião, por exemplo.

A obra de Zeneida Lima nasce de um esforço para preservar as raízes indígenas e caboclas da pajelança uma vez que sacerdotes de umbanda e tambor de mina passaram a se autodenominar pajés, ainda que iniciados apenas em ritos africanos sem terem passado pela devida iniciação, o “sentamento” dos pajés pelo qual Zeneida foi submetida com a sabedoria de seu mestre Mundico, pajé que salvou sua vida dos ataques dos espíritos.

Os contos dos caruanas que Zeneida narra em sua obra possuem a mesma estrutura das demais lendas de encantados que são populares por toda a Amazônia, como os milhares de causos de botos encantadores seduzindo moças e de serpentes gigantes que levam pessoas para os palácios submersos e se comunicam com o povo da superfície através de sonhos, sendo a maior diferença entre estes causos e contos e a história de Zeneida é que ela demonstra firmemente sua fé e confiança nos espíritos, acreditando que eles são seres reais que ajudaram muitas pessoas e já a alertaram e salvaram de situações de risco, enquanto as lendas populares na Amazônia como o boto e a cobra Norato já tiveram sua religiosidade e credibilidade esquecidas pela grande maioria dos amazônidas, sendo reduzidos a meros personagens comuns em atividades de colorir o folclore para crianças.

Embora a encantaria seja quase desconhecida pelas populações mais urbanas, é nos interiores isolados que ela reina soberana, mesclada com a fé católica na forma das cobras grandes habitando o subterrâneo das igrejas, em uma mistura de cobra grande nativa com Moura Serpente, uma espécie de Moura Encantada que se transforma em cobra gigante associada a igrejas e tesouros subterrâneos. Essa intersecção entre encantaria nativa e cristianismo é evidente em uma entrevista que Zeneida cedeu ao apresentador Paulo Vieira ao canal GNT afiliado à Rede Globo de televisão, em que é narrada a aparição de um caruana em uma igreja. Após se “atuar no corpo de sua ave” como é chamada a possessão ritual na pajelança, o encantado exclama: “Bendito e louvado seja o nome de Cristo Jesus e toda sua falange!” demonstrando que estes seres

não estão estáticos no tempo e que, de seus lares aquáticos eles têm consciência da religião predominante no país, e que mesmo sendo considerada uma espiritualidade indígena, a pajelança ainda está em sujeita à modernidade e ao cristianismo.

A grande maioria dos povos amazônicos prosperou à margem das águas fluviais e oceânicas, sendo a água um dos principais meios de subsistência, logo é natural que os rios e o mar sejam, por essas culturas, atribuídos de uma conotação sagrada. Assim como povos do deserto tinham seus *djinns*, espíritos do fogo e do vento, e os mediterrâneos tinham seus sátiros, faunos e ninfas, os amazônidas têm seus caruanas, companheiros do fundo, mães-d'água, sereias e iaras que habitam lindas cidades cobertas de ouro e joias. Tamanha é a ligação dos amazônidas com a água que o mito de origem dos sacacas determina que tudo era um grande oceano antes da criação do mundo, tal qual a bíblia, que afirma que “as trevas cobriam a superfície do abismo e o Espírito de Deus planava sobre as águas”, sendo ainda presente dentro da religiosidade de povos como os Sateré-Mawé, contos de dilúvios semelhantes à bíblica Arca de Noé.

As águas são símbolo de mistério, de divinação, de sedução, de fartura e maternidade devido à associação entre corpos d'água naturais e o líquido amniótico em que todos nadamos antes de nascer, mas também representam perigo, seja na forma de afogamento ou nas mandíbulas de um jacaré ou tubarão. Os gregos em seu panteão de divindades menores possuíam Aqueloo, deus-rio que se transformava em serpente gigante e em touro, símbolo esse que na encantaria do Pará é associado ao rei Sebastião. Proteu, o velho do mar, metamorfo insuperável e vidente que nunca erra e só dava respostas a aqueles inteligentes o suficiente para capturá-lo, compartilha seu dom de vidência com os caruanas que tudo veem e tudo sabem. Tritão, deus das profundezas, cuja significância foi reduzida à ideia de que uma sereia masculina possuía domínio sobre as regiões mais profundas e escuras do oceano, tem seu nicho em águas atlânticas ocupado pelo Ipupiara, o encantado bestial e vampírico temido pelos caiçaras. A existência de espiritualidades e crenças predominantemente aquáticas já foi apontada por Eliade (1980, p.140) que afirma que:

“À cosmogonia aquática correspondem — ao nível antropológico — as hylogenias, as crenças segundo as quais o gênero humano nasceu das águas. Ao dilúvio ou à submersão periódica dos continentes (mitos do tipo «Atlântida») corresponde, ao nível humano, a «segunda morte» do homem (a «humanidade» e *leimon* dos infernos, etc), ou a morte iniciática pelo baptismo.”

Curiosamente, sabe-se que há muitos milhões de anos atrás a Amazônia esteve tomada pelo oceano, sendo esse grande evento geológico a explicação para a existência

de tantos animais dulcícolas com ancestralidade marinha, como os botos rosa e tucuxi, descendentes de golfinhos do mar, arraias, peixes-boi, entre outras classes de seres vivos que acabaram presos quando as águas deste mar primitivo baixaram, ou seja: os primórdios marinhos da Amazônia foram essenciais para a identificação entre mitos portugueses e amazônicos, pois existem golfinhos nos rios assim como os golfinhos marinhos dos mitos gregos, que Cascudo (1947) menciona como sendo a base para a lenda do boto. O bioma Amazônico também abriga a gigante sucuri, serpente mais pesada do mundo imediatamente identificada com as boiúnas, mouras, serpentes e cuélebres, os dragões guardiões dos tesouros das Mouras Encantadas. Os lagos e cachoeiras amazônicos foram identificados como a morada das ninfas, ondinas e melusinas, as praias ao longo do Pará e do Maranhão foram identificadas com a mítica Mourama, a terra encantada para onde os mouros se foram após o fim de Al-Ándalus, abandonando os tesouros e suas lindas Mouras.

A relação entre os amazônidas e encantados se manifesta geralmente de três formas: Existem aqueles que os conhecem apenas como personagens de contos, podendo conhecer suas histórias, características, símbolos e imagética sem vê-los como objeto de culto e sem nunca pensar neles de outra forma, geralmente são pessoas com um modo de vida mais urbano. Existem aqueles que os veem como seres reais, porém evitam o contato e a menção a tais espíritos como forma de respeito às forças da natureza e existem aqueles que cultuam os encantados; são os xamãs, feiticeiros e pajés negros, caboclos e indígenas, uma minoria da população que vive os mitos e o sobrenatural como a essência de suas religiões e espiritualidades, é o caso de Zeneida Lima.

Os caruanas não são uma força distante e silenciosa na vida de Zeneida, pelo contrário, eles se manifestam no mundo físico seja revelando suas formas aquáticas ou por meio da possessão ritual, afastam o perigo e conversam com os humanos administrando cuidados e medicinas, tudo isso de forma totalmente gratuita, sendo reafirmado múltiplas vezes que aquilo que vêm da natureza não deve ser vendido pois a natureza oferece tudo sem pedir nada em troca, logo os pajés não podem pedir dinheiro em troca de consultas.

Por toda a Amazônia os ribeirinhos afirmam terem se encontrado com seres sobrenaturais vindos das profundezas, são inúmeras as histórias de homens, mulheres e crianças que enlouqueceram e ganharam uma força descomunal correndo desesperados para ir até o rio se encontrar com os botos, mães-d'água ou uma linda sereia que os encantou. É dito que poucas pessoas recebem o privilégio de visitar o fundo das águas e

passar em suas lindas cidades cheias de preciosidades, sendo comum a ideia de que tais indivíduos são “sacacas” e possuem o dom da pajelança. Eles não apenas conhecem os mitos, eles vivem o sobrenatural tal como dito por Eliade (1963, p.23) que afirma que:

«Viver» os mitos implica, portanto, uma experiência verdadeiramente «religiosa», visto que se distingue da experiência vulgar da vida quotidiana. A «religiosidade» dessa experiência deve-se ao facto de serem reactualizados acontecimentos fabulosos, exaltantes, significativos, de se assistir de novo às obras criadoras dos Seres Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, autoral, impregnado da presença dos Seres Sobrenaturais.

As águas para Zeneida e muitos amazônidas são muito mais do que estradas ligando municípios e comunidades, são a morada do sagrado cujo poder não deve ser desafiado, pois contrariar os encantados pode resultar em punições como panema, loucura e até mesmo encantamento, uma espécie de morte sem morrer que leva o espírito ao mundo subaquático. Os rios além da fartura também representam periculosidade, pois suas águas são escuras e de fortes correntezas, além de se encherem todos os anos inundando as cidades e enviando peixes, caranguejos, serpentes e aves aquáticas em direção às cidades, lembrando os amazônidas de que o homem é parte da natureza e está sujeito a ela assim como qualquer caranguejo, serpente ou ave. As águas desempenham assim um papel divino para os povos que vivem em constante contato com elas, sendo a água como Deus e seus encantados como os anjos e santos, dotados de divindade, porém ainda comunicando-se e interagindo com os humanos, formando um curioso panteão aquático que não vive distante no céu, mas está ligado a certas ilhas e formações naturais. Sobre a importância mitológica das águas, Eliade (1980, p.141) afirma que:

“Um traço essencial aqui: é que a sacralidade das águas e a estrutura das cosmogonias e dos apocalipses aquáticos *não poderiam ser reveladas integralmente senão através do simbolismo aquático*, que é o único «sistema» capaz de integrar todas as revelações particulares das inúmeras hierofanias (13).”

O misticismo indígena e pagão se encontra com o cristianismo, crença predominante no Brasil, ambos em meio à modernidade que supostamente não permite a volta do homem aos tempos mitológicos, porém o caboclo amazônida parece resistir aos esforços da modernidade, ou então vive os mitos e a espiritualidade de forma semelhante ao que foi postulado por Ricoeur (1960, p.370) sobre a comunicação do homem moderno com o sagrado: “Acredito que o ser ainda possa falar comigo, sem dúvida, já não sob a forma pré-crítica da crença imediata, mas como o segundo imediato visado pela

hermenêutica. Essa segunda ingenuidade aspira ser o equivalente pós-crítico da hierofania pré-crítica”.

Tal argumento é demonstrado por todo o caráter da obra de Zeneida: a autora apresenta muito mais do que apenas mitos dos encantados como demonstra compreender os simbolismos acerca dos elementos narrativos em cada conto, o contexto histórico em que os mitos são narrados, o significado dos versos das cantigas ritualísticas que detalham o mundo e a natureza dos caruanas, Zeneida Lima também nos presenteia com uma amostra de sua relação particular com o sagrado. O contato com os amigos estudiosos do pai de Zeneida ajudou a ver sua religião de forma crítica, não sendo uma fé cega e muito menos isolada na ilha do Marajó, pois existem pajés e culto a encantados por todo o bioma amazônico, embora aconteça longe dos holofotes da televisão e da internet, no qual dominam as crenças de matriz africana consolidadas como *mainstream*.

O mundo encantado dos botos, Iaras, Mães-d’água, Caboclos-d’água, Ipupiaras, Cobras Grandes e sereias ainda é conhecido pelo grande público fora da Amazônia como um conjunto de histórias infantis sem qualquer conexão religiosa e até mesmo sua qualidade mitológica é ignorada, sendo essa, ironicamente, mais uma semelhança entre os mitos amazônicos e greco-romanos, hoje em dia conhecidos fora do meio acadêmico apenas como material de filmes, livros e desenhos animados. O grande público moderno desconhece ou simplesmente esqueceu que os personagens de sua franquia de livros favorita ou os nomes dos planetas de nosso sistema solar outrora tiveram seguidores fiéis e grandes templos em suas honras, que assim como os caruanas vivem em poços, rios, cavernas e ilhas, os deuses primitivos viviam no mundo real.

Os templos dos encantados são as formações naturais como ribanceiras, redemoinhos, cachoeiras e corredeiras, grotas que nunca secam independentemente da estação e até mesmo lagos subterrâneos que nunca recebem a luz do sol. A pajelança é um fenômeno amazônico e os sacacas estão por aí operando curas e viajando entre o mundo mítico das águas e a vida moderna terrestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou das semelhanças entre os mitos amazônicos com os mitos greco-romanos por meio da análise bibliográfica, concluindo que a colonização deixou fortes marcas no imaginário caboclo da Amazônia ao ponto de ser quase esquecida a origem greco-romana e ibérica das narrativas, porém acrescento que os caruanas retratados por Zeneida, embora riquíssimamente detalhados não representam toda a

diversidade da pajelança amazônica que se estende por um imenso território possuindo influências de diferentes povos indígenas. Destaco aqui as constantes menções a sereias, pois sua presença em águas amazônicas é digna de uma análise própria acerca de suas possíveis origens que vão da Rússia até a península Ibérica e toda a África lusófona. O arquétipo da Sereia também está presente entre os espíritos cultuados pelos curandeiros amazônidas, embora sua origem como objetos de culto seja incerta ou desconhecida.

Também gostaria de lembrar que existem autores indígenas como Yaguarê Yamã que abordam a pajelança detalhadamente dentro daquilo que é permitido publicar, com foco nas culturas Maraguá e Sateré-Mawé que também possuem seus caruanas entre outras classes de espíritos encantados tanto benignos quanto malignos. A análise comparativa com narrativas do mundo clássico serve para lembrar que não existe algo como uma cultura “pura”, e que ainda que a obra de Zeneida tenha nascido com o objetivo de preservação da cultura cabocla marajoara, essa mesma cultura passou por cinco séculos de colonização resistindo e inevitavelmente se modificando. Ainda que não tivesse sido colonizada, a pajelança se modificaria, pois nas culturas humanas a única constante é a mudança ao longo das gerações e eras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA Sagrada.** Editora Ave Maria. 2016.
- CASCUDO, Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros.** São Paulo-SP. 1ª edição digital, Global Editora. 2012.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito.** Trad. Manuela Torres. Edições 70. 1963.
- ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno, Cosmos e História.** Trad. José A. Seschin. São Paulo-SP, editora Mercury Ltda. 1992.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano, a Essência das Religiões.** Trad. Rogério Fernandes. EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL». 1957.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **História da Província de Santa Cruz.** Edição digital, NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Belém-Pará.
- HESÍODO, **Teogonia.** Trad. Jaa Torrano. São Paulo-SP. 1995.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, 9/1.** Trad. Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis-RJ. Editora Vozes. 2016.
- LIMA, Zeneida. **O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó.** Belém-PA. Editora Cejup. 2002.
- OVÍDIO, **As Metamorfoses.** Trad. David Jardim Júnior. Editora Tecnoprint S.A. 1934.



Grupo de Pesquisa:
Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos

www.latinitates.com



Laboratório de Cultura Clássica

Produzido no Laboratório de Cultura Clássica